

Vestígios pré-coloniais como suporte analítico da paisagem no Vale do Soturno, RS

Juliana Rossato Santi¹

Saul Eduardo Seiguer Milder²

Resumo

O estudo proposto busca realizar uma análise paisagística e contextual dos artefatos arqueológicos, no Vale do Rio Soturno, numa tentativa de demarcação espacial e temporal dos cenários de ocupação humana, propondo o dimensionamento de um *Sistema Microrregional de Povoamento*³. Dentro desse panorama pretende-se entender porque as comunidades indígenas preferiam certos locais em detrimento de outros e em que medida fatores de ordem ambiental determinavam ou influenciavam a escolha? As escolhas de fixação das comunidades atuais coincidem com as escolhas pretéritas e que fatores podem ser destacados nesta visualização? Preocupa-se ainda em tornar esses vestígios arqueológicos trabalhados conhecidos pela comunidade detentora destes assim, qual seria o papel da arqueologia no binômio Patrimônio/Educação? Os dados levantados até o presente momento serão assim apresentados.

Palavras-Chave: Arqueologia, Paisagem.

Bases Teóricas e Metodológicas para a Arqueologia Pré-colonial do Vale do Rio Soturno.

O estudo proposto busca realizar uma análise paisagística e contextual dos vestígios arqueológicos pré-coloniais e de seus possíveis sítios, no Vale do Rio Soturno e seus afluentes. A delimitação da região que abrange o estudo pode ser descrita politicamente dentro do município de Nova Palma, RS.

Acredita-se que o estudo denominado atualmente de Arqueologia da Paisagem possa trazer grandes contribuições junto às evidências encontradas na região destacada. A idéia principal seria entender como os vestígios arqueológicos se distribuem na paisagem, e quais os possíveis significados desta distribuição, numa perspectiva geoarqueológica, social e microrregional da paisagem, a partir dos sítios pré-coloniais encontrados. Ou ainda, estudar a espacialidade humana na Arqueologia e aproximar-se da interpretação do registro arqueológico.

¹ Autora, Doutoranda Museu de Arqueologia e Antropologia da Universidade de São Paulo.

² Co-orientador do Doutorado e Prof. Dr. da Universidade Federal de Santa Maria.

³ MORAIS, J. L. *Tópicos de Arqueologia da Paisagem*. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo, 10:3-30, 2000.

A ciência da paisagem é um ramo relativamente novo. As primeiras pesquisas que enfocaram paisagem como elemento central datam da década de 1960; desde então, a ciência da paisagem passou a fazer parte dos estudos e projetos em várias áreas de planejamento.

Atualmente, o estudo da paisagem pode ser considerado um recurso que permite avaliar a qualidade visual de uma região, aliada às técnicas de sensoriamento remoto. É evidente a multiplicidade de perspectivas abertas para o emprego de metodologias na análise da paisagem. Para cada situação, deve-se observar os padrões típicos nos quais se apresentam os componentes da paisagem, ou seja, os diferentes arranjos possíveis entre os mosaicos formados pela combinação de formas superficiais do terreno, aspectos bióticos e intensidades diferenciadas de antropização.

Talvez a melhor proposta metodológica da Arqueologia da Paisagem” é a do *staff* da Lancaster University Archaeological Unit, que se inspira em três níveis de registro da paisagem: Nível 1- Levantamentos Estimativos; Nível 2 – Levantamentos Avaliatórios; Nível 3 – Levantamentos Mitigatórios⁴. O primeiro nível pretende localizar e promover um levantamento básico estimativo de sítios e locais de interesse arqueológico anteriormente identificados, sob a ótica da arqueologia da paisagem, proporcionando subsídios para o estabelecimento de esquemas preliminares e genéricos de manejo, proporcionando a elaboração de esquemas preditivos baseados na configuração da região. Neste nível ainda, far-se-á o que chama-se Educação Patrimonial com a comunidade, pois entende-se que o conhecimento gerado possa ajudar nos níveis posteriores.

Os levantamentos avaliatórios definem a extensão e a forma dos sítios e dos locais de interesse arqueológico individualmente, relacionando-os com a topomorfologia, considerando os parâmetros do modelo locacional, realizando-se atividades específicas de Geoarqueologia. Aqui será possível registrar cenas e paisagens notáveis, demonstrando o desenvolvimento e o crescimento de atividades e de ações humanas em determinados locais.

E o último pretende realizar um gerenciamento detalhado dos registros arqueológicos identificados no levantamento, decidindo-se se o sítio será preservado *in situ* ou não e ainda, se a preservação far-se-á por meio de registro de suas estruturas. E como um levantamento que permeia estes vai ser trabalhado com a comunidade detentora do patrimônio arqueológico para

⁴ Idem ao rodapé 3.

que essa herança seja preservada. Serão ativados ainda procedimentos próprios da Arqueometria⁵, especialmente no tocante às datações.

Assim, afirma-se que metodologicamente esses fatores geoambientais analisados devem contribuir para a consolidação de esquemas de gestão do patrimônio arqueológico evidenciado no Vale. Definindo os cenários de ocupação indígena do Vale do Soturno, adicionando dados à memória regional.

Desenvolvimento de Métodos e Técnicas de Pesquisa em Arqueologia Regional.

Teoricamente nos aproximamos de bases que sustentam a arqueologia como paisagem e como responsável pela conservação de um patrimônio específico, que busca na interdisciplinaridade formas de análise para o seu objeto de estudo. De certa forma o termo arqueologia interdisciplinar é uma redundância, pois ela é um campo de conhecimento altamente interdisciplinar por si só, que busca em outras ciências métodos e enfoques para sustentar os preceitos teóricos e metodológicos adotados na pesquisa arqueológica.

Por ser a Arqueologia uma disciplina que ao nosso ver tem por objetivo entender os modos de vida das sociedades pretéritas que deixaram seus vestígios em ambientes específicos, então os meios para buscar essas informações se dão através da cultura material produzida por elas e que permaneceram no registro arqueológico até serem desvendadas e estudadas.

Acredita-se que no estudo integral da paisagem arqueológica é necessário ter em conta a heterogeneidade de seus espaços e de suas características particulares para poder determinar as relações dinâmicas naturais e culturais que existiram entre eles. As relações dinâmicas naturais entre espaços diferenciados são dadas pela posição de cada um deles na paisagem e sua relação com os demais elementos (bióticos, abióticos, e inclusive arqueológicos) e podem ser apreendidas desde uma perspectiva geoarqueológica como ecossistêmica. Dessa forma, o

⁵ Para estudos arqueológicos que privilegiem os grupos ceramistas é muito importante evidenciar, em relação aos fragmentos cerâmicos, o tratamento de superfície (técnica, presença de aditivos, motivo) associando a características provenientes da pasta (manufatura, textura, aditivos, dureza, cor) e da forma (borda, base, bojo, espessura do fragmento). Essas informações atualmente são facilitadas com utilização de técnicas como EAA (Espectroscopia de Absorção Atômica), PIXE (Emissão Induzida de Raios X por Partículas carregadas), PIGE (Emissão de Raios Gama Induzida por Partículas carregadas) e outras na elucidação de questões como: proveniência de matéria prima, metodologia de fabricação dos objetos, existência de interconexão entre povos, com base no estudo de materiais cerâmicos.

conceito de espaço provêm do enfoque referente às paisagens ecológicas e da noção arqueológica de lugar e são integrados a modelos geomorfológicos de evolução da paisagem. Assim podem ser determinadas diferentes áreas de uso do espaço (sistemas de assentamento, áreas de captação de diferentes recursos, possíveis áreas de cultivo, áreas de busca de matéria-prima para elaboração de utensílios, etc).

...a Arqueología del Paisaje es una estrategia de trabajo que puede ser utilizada como una herramienta de gestión y estudio del registro arqueológico, y que permite acceder a aspectos de éste a los que generalmente la Arqueología no se ha aproximado. La comprensión de estas dimensiones, sin embargo, no sólo es de importancia básica para entender el pasado de los seres humanos en el mundo (ya que una parte fundamental de esta historia es el modo cómo el ser está en el mundo y esto implica ante todo determinar cómo se adapta a, modifica, utiliza, organiza y comprende el espacio), sino que además posee una cierta utilidad crítica y actual (ya que se relaciona con temas que están muy próximos de la sensibilidad y preocupaciones a las que en la actualidad se enfrentan nuestras sociedades)⁶.

Nesta perspectiva pretende-se identificar os principais traços introduzidos na paisagem pelas ocupações humanas, os sistemas de uso e ocupação do solo e seus efeitos no meio ambiente regional, provendo bases arqueológicas sólidas para a compreensão dos grupos pré-coloniais inseridos neste recorte ambiental. As análises no relevo e paisagem da região pretendem buscar uma visualização preditiva dos sítios arqueológicos pré-coloniais. Ou seja, quais são, as paisagens, relevos e matérias primas (afloramentos rochosos, solos, rios) presentes nessa região que pudessem ser preferenciais para os assentamentos caçadores-coletores e horticultores.

Parece claro que houvesse a vida humana se estabelecido no mar estaríamos contando uma história diferente. Mas tendo sido a terra o seu ninho, o foco de atenção é colimado sobre o sistema que produz o essencial para a vida e para a continuação da vida humana. Outrora natural e, modernamente predominantemente artificial, ainda é o que produz abrigo, alimento à espécie “dominante” o *Homo sapiens*. Esse sistema tinha e ainda tem o solo como participante universal, uma fina camada do regolito, o manto intemperizado que recobre as rochas da terra. Sua importância para a vida é de tal magnitude, que o complexo conjunto de suas características intrínsecas e as propriedades que lhes são inerentes o qualifica como um habitat de seres vivos.

⁶ BOADO, Felipe Criado. *Del Terreno al espacio: Planteamientos y perspectivas para la Arqueología del Paisaje*. CAPA 6. Criterios y convenciones en Arqueología del Paisaje, Grupo de Investigación en Arqueología del Paisaje, Universidad de Santiago de Compostela. Primera edición, Abril de 1999.

A vida humana na terra provou deste componente, o solo, desde eras pretéritas. O estabelecimento, paulatino e longo de grupos de indivíduos e da formação de suas sociedades deu lugar a culturas intimamente ligadas ao seu meio ambiente. Essa interação entre o homem e a natureza vai criar expressões culturais tangíveis e intangíveis.

No contexto da relação do homem e do meio em que vive, surge um novo componente que age substancialmente na marcação da memória: o objeto, a coisa, obra ou produto, ou seja, a criação que este homem realiza com os fins mais diversos e nela embute seus desejos, suas habilidades e que refletem sua ligação com seu entorno. É através da integração entre homem e meio que desenvolve-se uma análise mais abrangente.

Essa análise integradora reporta-se a três elementos, o ser humano, sua cultura e a paisagem que o cerca. Para tal deve-se utilizar amplos conceitos de tempo e espaço que estabeleçam a cronologia do homem em conjunto com a natureza. Pretende-se demonstrar assim o desenvolvimento de um meio ambiente, uma história da intervenção do ser humano nesse ambiente, suas ligações e decorrências, ou ainda, sua criação.

Nesta luta pela preservação do planeta, em que o homem busca a sustentabilidade, cabe a esta visão de arqueologia, em sua ação científica o reconhecimento e a guarda da memória, preservação e comunicação desta evolução histórica, não só do indivíduo, mas do patrimônio natural e cultural do qual ele faz parte.

Inserção dos sítios arqueológicos na paisagem.

No Vale do Soturno encontrou-se uma realidade bastante preocupante no tocante ao estado de preservação dos sítios já que a maioria dos sítios registrados no Iphan receberam um “rótulo” de sítio de superfície.

Conforme observado anteriormente, sítios em superfície e sujeitos à ação do arado são normalmente desprezados pelos arqueólogos. O raciocínio por trás de tal prática é a perda de informação espacial que se tem quando práticas agrícolas ou outras intervenções humanas modernas são implementadas sobre áreas contendo material arqueológico.

A raiz de tal raciocínio é facilmente traçável aos primórdios da Arqueologia. Os objetivos básicos dos trabalhos pioneiros de levantamento arqueológico eram o estabelecimento da história cultural das regiões de interesse, a sucessão de “culturas” pré-coloniais, a determinação de

marcadores cronológicos, etc. Com base nisto, não seria estranho que os autores estivessem interessados em sítios grandes, estratificados, de onde se pudesse extrair material para construir seriações confiáveis.⁷

O contra argumento vem na forma de uma posição que parece inatingível: processos atuais de “destruição” induzidos por ação humana não têm paralelo no mundo natural, e portanto os sítios arqueológicos sujeitos a tais processos estariam irremediavelmente perdidos. Embora tenhamos que concordar que uma terraplenagem realizada por tratores de esteira possa obliterar completamente um sítio, não é esse tipo de agente que é mais freqüentemente invocado. O maior vilão, o grande responsável pela destruição do patrimônio arqueológico, seria o arado. Seja puxado por tração animal ou mecanizado, o arado tem sido o principal bode expiatório no rol dos agentes destruidores de sítios arqueológicos. Nossa relação com terrenos arados é ambígua. Ao mesmo tempo que temos nestes locais visibilidade ótima e portanto condições privilegiadas na hora de encontrar sítios arqueológicos, a destruição aparente que presenciamos quase que instantaneamente rebaixa tais sítios a uma classe menor, à classe dos “sítios perturbados”. Como a grande maioria dos sítios arqueológicos é encontrada nessas situações, poderíamos supor que a grande maioria está destruída. Classes inteiras de sítios arqueológicos, como por exemplo sítios cerâmicos Tupiguarani, podem ser encarados como estando nesta situação.⁸

Defende-se que a partir do momento em que o rótulo de “sítio perturbado” é aplicado a ele, corremos um risco maior ainda deste virar um lugar que já teve sua “importância” para a arqueologia, mas que nesse contexto pode transformar-se numa “*espécie de terra de ninguém, onde podemos relaxar nossos métodos e realizar amplas coletas de superfície “comprobatórias” (um eufemismo para “catação”) sem muito trabalho*”, ou ainda um lugar que não mais pode contribuir para a Arqueologia Brasileira, mesmo sabendo-se que seus “vestígios ficarão ali...esquecidos e “perturbados”.

Evidenciam-se, portanto, alguns resquícios conceituais do passado arqueológico dessa região, que não privilegiaram o estudo da cultura material Guarani no vale. A Arqueologia foi,

⁷ ARAÚJO, Astolfo Gomes de Mello. *Teoria e método em arqueologia regional: um estudo de caso no alto Paranapanema, Estado de São Paulo*. (Tese de Doutorado). Área Interdepartamental de Arqueologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

⁸ MILDER, Saul Eduardo Seiguer. Caçadores coletores: a problemática arqueológica ambiental sobre os primeiros povoadores do Rio Grande do Sul. *Revista do CEPA*. Vol.23, n. 30. Santa Cruz do sul: Editora da UNISC, 2000. Pg. 7-56.

durante muitos anos, interpretada como estranha às questões históricas, em claro contraste com as humanidades.

Existem muitos problemas de interpretação referentes a conceitos, que acabam por mascarar muitos trabalhos científicos nesta área, enraizados na perspectiva de se estudar as mudanças culturais da cultura material pré-colonial, desprezando o homem que as elaborou.

O Vale do Soturno e as Possibilidades de Estudos Arqueológicos.

O panorama da região muda com a chegada desses grupos e a adaptação dos mesmos aos padrões locais. Desta forma, a manipulação de artefatos líticos, a confecção de cerâmica, o uso da fauna e flora alteraram a paisagem e o cotidiano local. São exatamente os elementos que vão ajudar a compreender a ocupação regional. Através da cultura material deixada pelos grupos que se procura entender o seu cotidiano e contar a sua História.

Dos Guarani históricos guardamos informações escritas por viajantes, cronista e jesuítas assim, pode-se inferir alguns questionamentos em relação as evidências arqueológicas apresentadas.

Realizou-se assim uma intervenção em um Sítio arqueológico Guarani encontrado pelo levantamento do estudo em questão. As escavações evidenciaram a distribuição do sítio na Paisagem do Vale do Rio Soturno, (Nova Palma) bem como fragmentos de vasilhas cerâmicas e material lítico lascado dos habitantes pretéritos desta região, associados à manchas de “terra preta” (solo antropogênico), encontrou-se ainda, uma conta-de-colar européia junto a cerâmica Guarani.

O sítio Guarani em questão encontra-se em um compartimento topográfico de meia encosta, a região encontra-se na Depressão Central Gaúcha, próxima a Encosta Inferior do Nordeste, ocorrendo na região morros residuais, constituídos de rochas vulcânicas da Formação Serra Geral, com arenitos eólicos intertrápicos e a Depressão Central ou periférica, formada por rochas sedimentares da Bacia do Paraná.

O material arqueológico não possui mais que 40 cm de profundidade desde a superfície. O perfil estratigráfico do sítio pode ser descrito: solo arenoso onde a primeira camada apresenta o solo agrícola (até 20 cm) com presença de material arqueológico, uma segunda camada escura bem definida (a partir de 20 até 40 cm) com presença de material arqueológico, terceira camada

de solo amarelo estéril, um solo em formação (até 80 cm), a quarta camada com arenito e basalto em decomposição assentado no basalto.

Como é um sítio sobre um terreno agricultável conseguiu-se perceber a atuação do arado, dando-se modificação de posição dos vestígios verticalmente, mas horizontalmente a modificação não é significativa. O que é importante pois tendo ele uma só camada de ocupação é possível a verificação da espacialidade dos vestígios e as áreas de atividades dentro do sítio.

Nas descrições dos cronistas, os assentamentos mais poderosos ocupavam as várzeas e outros ambientes favoráveis à subsistência, enquanto que as aldeias mais fracas instalavam-se nos vales mais encaixados, em zonas com baixa densidade de vegetação arbórea, com pouca caça, etc.⁹

Percebe-se a existência de três concentrações de solo antropogênico associados aos vestígios arqueológicos (cerâmica, lítico, restos faunísticos). O que pode indicar que são estruturas habitacionais, ou seja, espaços residenciais. Foram coletadas amostras para datação por Termoluminescência em cada uma das três concentrações para poder temporalizar os eventos e distinguir os fenômenos que se apresentam. A partir da verificação destas datas poder-se-á inferir elementos interpretativos em relação ao sítio, como por exemplo, se são construções que remetem ao período colonial poder-se-á referenciar o momento; se fazem parte de uma mesma ocupação ou se foram ocupações desconectas.

De maneira geral se admite que os núcleos de concentração de fragmentos cerâmicos representam os locais de habitação. (...) o conjunto dos núcleos próximos devem portanto representar a área da aldeia. (...) raramente se publicaram dados sobre as dimensões destes núcleos, ou locais de habitação, nem sequer se apresentam as dimensões de todos os sítios (...). (Brochado, 1975 apud Noelli (1993)).

As unidades ocupacionais são sempre marcadas por concentrações ovaladas ou circulares, sendo as menores de quase 100 m². Pelos dados etnográficos conhecidos, isto corresponderia a grupos de até 15 pessoas, já as casas maiores (mais de 1000 m² às vezes) teriam 60 ou mais

⁹ NOELLI, Francisco Silva. Sem Tekohá nao ha tekó: em busca de um modelo etnoarqueológico da aldeia e da subsistência Guarani e sua aplicação a uma área de domínio no Delta do Rio Jacuí-RS. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2 v. Porto Alegre, 1993.

habitantes; as aldeias com várias casas pequenas, agrupariam de 200 a 300 pessoas no máximo, aí já poderíamos pensar em uma sociedade dividida em segmentos como linhagens ou clãs.¹⁰

O padrão característico da estrutura de habitação Guarani parece ser a forma alongada composta (lado retangular com as extremidades alongadas) e a alongada elipsoidal, segundo informações das formas das “manchas pretas” na superfície dos solos revolvidos dos sítios. Não existem publicações a respeito de sítios mapeados e escavados em condições intactas.¹¹

Deve-se levar em conta ainda para essa informação a forma de colapso das casas e verificação do que aconteceu durante os processos deposicionais e pós-deposicionais na formação do registro arqueológico. A procura de negativos buracos de esteio remanescentes durante a intervenção também ajuda na elucidação mais real do formato das casas, mas que infelizmente não foi encontrado na decapagem realizada neste sítio, assim registrou-se somente o formato das “manchas pretas” atuais.

Uma vasilha cerâmica inteira foi encontrada no contexto do sítio pelo proprietário¹² em um momento anterior, segundo o relato do mesmo, ela estava enterrada sem evidências ósseas em seu interior, mas havia uma outra panela em cima como se fosse uma tampa, indicou ainda o local de onde retirou vasilha.

A grande maioria das vasilhas inteiras dos Guaranis são parte das estruturas funerárias, pois seu estado inteiro é resultante do processo de enterramento secundário¹³, na função de urna funerária. Na medição da desorganização do depósito arqueológico através da aplicação do *Completeness and fragmentation indexes*¹⁴ pode-se verificar que somente os vasilhames que foram proposadamente enterrados ficam intactos ou fragmentados parcialmente¹⁵.

Pode-se perceber que essa possível estrutura funerária encontrava-se a mais ou menos 40m da concentração cerâmica associada ao solo antropogênico, mais próximo. Corroborando assim com os dados arqueológicos levantados até o momento, sendo uma estrutura de enterramento secundário não associada ao solo antropogênico (“mancha preta”).

¹⁰ PROUS, André. *Arqueologia Brasileira*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1992.

¹¹ Idem ao rodapé 9.

¹² Moacir Rossato.

¹³ Corresponde aos restos humanos sepultados dentro de recipientes cerâmicos e constitui a maioria dos enterramentos Guarani conhecidos. Estes recipientes serviam inicialmente para cozinhar alimentos, fermentar bebidas e depositar água.

¹⁴ SCHIFFER, M.B. Toward the identification of formation processes. *American Antiquity*, 48: 675-706, 1983.

¹⁵ Idem ao rodapé 9.

As urnas são encontradas geralmente isoladas, mas não é excepcional aparecerem em agrupamentos de três, quatro ou cinco unidades, desde o Paranapanema até o Rio Grande do Sul. Quase sempre estão enterradas fora dos fundos de habitação, seja entre as malocas vizinhas ou agrupadas na praça central, sepultamentos isolados podem ser encontrados a dezenas de metros do sítio. É muito difícil se ter uma idéia da frequência real, porque a passagem do arado revela normalmente a existência dos potes, quebrando a tampa enterrada entre 10 a 15 cm de profundidade, mas isso acontece fora do controle do arqueólogo. Quando este chega tem a maior dificuldade em localizar as urnas já que se encontram fora das manchas de terra escura.¹⁶

Existem poucas informações etnológicas ligadas a enterramentos Guarani, o que reduz ainda mais as tentativas interpretativas sobre a morte Guarani. A maioria das publicações arqueológicas nunca associou a localização dos enterramentos às “manchas”, sendo freqüente a descrição sumária do achado sem definição contextual. Nas descrições em que aparecem referências espaciais, sem croquis é mais freqüente a anotação da distância entre o(s) enterramento(s) e as “manchas” e acúmulos de refugos.¹⁷

Considerações Finais

A cultura material encontrada está sendo analisada e poderá proporcionar na sequência muitas informações importantes a serem discutidas e associadas às informações do campo. Com os dados levantados até agora, pode-se perceber que estamos trabalhando com uma estrutura residencial Guarani ligada a uma estrutura funerária. Esta apresenta quantitativamente um número reduzido de fragmentos cerâmicos espalhados nas três concentrações de “mancha preta”, e localiza-se em um vale encaixado, o que podem ser indícios de uma pequena aldeia. A contá-de-colar européia junto a cerâmica Guarani evidencia contato entre esses dois povos, assim estaremos estudando um dos primeiros sítios Guarani com contato e sem associação direta às Reduções, pois os estudos arqueológicos até então ou são dos Guarani pré-coloniais ou são de Reduções Guarani, mas esses dados serão comprovados ou não pelas futuras datações.

Utilizar o documento material para contar a História de uma sociedade é um trabalho árduo e requer a análise de diversas possibilidades e hipóteses, pois a evidência arqueológica de

¹⁶ PROUS, André. *Arqueologia Brasileira*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1992.

¹⁷ Idem ao rodapé 9.

que dispõe o arqueólogo depende muito do comportamento humano, ou seja, o que o homem fez com ela; das condições naturais que atuam na sua conservação ou destruição.

Bibliografia

BROCHADO, J.P. *An ecological model of the spread of pottery and agriculture into Eastern South America*. P.h.d. Dissertation, University of Illinois at Urbana-Champaign, Ann Arbor UMI, Inc, 1984.

LA SALVIA, Fernando, BROCHADO, José P. *Cerâmica Guarani*. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1984.

MILDER, Saul Eduardo Seiguer. Caçadores coletores: a problemática arqueológica ambiental sobre os primeiros povoadores do Rio Grande do Sul. *Revista do CEPA*. Vol.23, n. 30. Santa Cruz do sul: Editora da UNISC, 2000.

MORAIS, J. L. *Tópicos de Arqueologia da Paisagem*. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo, 10:3-30, 2000.

NOELLI, Francisco Silva. *Sem Tekohá nao ha tekó: em busca de um modelo etnoarqueológico da aldeia e da subsistência Guarani e sua aplicação a uma área de domínio no Delta do Rio Jacuí-RS*. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2 v. Porto Alegre, 1993.

PROUS, André. *Arqueologia Brasileira*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1992.

SCHIFFER, M.B. Toward the identification of formation processes. *American Antiquity*, 48: 675-706, 1983.

ARAÚJO, Astolfo Gomes de Mello. *Teoria e método em arqueologia regional: um estudo de caso no alto Paranapanema, Estado de São Paulo*. (Tese de Doutorado). Área Interdepartamental de Arqueologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

MORAIS, J. L. *Arqueologia e o Fator Geo*. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo, 9:3-22, 1999.